

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



**William Roslindo Paranhos**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



**William Roslindo Paranhos**  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## História: espaços, poder, cultura e sociedade 3

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** William Roslindo Paranhos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 /  
Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta  
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0038-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.387222503>

1. História. 2. Sociedade. I. Paranhos, William Roslindo  
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” propõe uma discussão científica, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em torno da análise de processos históricos da humanidade, por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus onze capítulos. O volume abordará, de maneira categorizada, textos acadêmicos que se caminham através de vários séculos, discutindo dispositivos que serviram, e ainda servem, como reguladores, normatizadores ou, até mesmo, como potencializadores do cenário social.

A riqueza desta publicação consiste, sobretudo, na interdisciplinaridade que, a todo instante, é valorizada nas produções, à começar pela pluralidade de campos do conhecimento que debatem, convergem e divergem acerca de conceitos teóricos e empíricos, pela representatividade de instituições de ensino e pesquisa de renome no país, por conta das diversas abordagens e metodologias utilizadas e, por fim, em virtude de escopos bastantes distintos, mas que buscam, em sua essência, investigar fenômenos sociais bastante próximos.

Por mais que o termo “história” nos leve, teimosamente, a pensar e refletir, tão somente, acerca de acontecimentos do passado, este livro nos convida a aprofundar nossa capacidade dialética e possibilitar que conceitos tidos como ortodoxos se tornem contemporâneos o bastante a fim de instrumentalizarem nossas análises e discussões sobre os tempos modernos. É o exercício de olhar para o passado, considerá-lo e criar, a partir dele, uma analogia com o contexto atual. As pessoas autoras provam que isso é possível, e eu diria, também, necessário.

Outro ponto bastante importante de ser destacado e valorizado neste volume é sua proposta em criar um repositório de conhecimento onde as pessoas que fazem a academia existir e ser o que é, possam realizar buscas, pesquisas, constatações, aproximações, enfim, tudo aquilo que as permita construir o preceito básico, ou ao menos o que deveria ser, de toda sociedade moderna: a construção da consciência crítica.

Deste modo, “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” apresenta uma teoria bem fundamentada acerca de resultados alcançados no processo de pesquisa por pessoas docentes e acadêmicas, que desenvolveram seus trabalhos a fim de contribuir com o avanço das ciências e os quais serão aqui apresentados. Sabemos da importância, cada vez mais urgente, de se valorizar a atividade científica e, por tal razão, é que também destacamos o valoroso da Atena Editora que, por meio de seu renome no campo editorial, é capaz de oferecer uma plataforma consolidada, a fim de que essas pessoas possam expor e divulgar seus trabalhos, conquistando seu merecido reconhecimento.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPRENSA PARAENSE (1980-1990)

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225031>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX

Ana Vitória Campos Pompeu e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225032>

### **CAPÍTULO 3..... 19**

OLHARES PARA O OPRIMIDO: VARIAÇÕES DA PINTURA SOCIAL MODERNA NO BRASIL

Luciana de Fátima Marinho Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225033>

### **CAPÍTULO 4..... 29**

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DA ARTE PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL

Ismeinem Vieira de Faria Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225034>

### **CAPÍTULO 5..... 43**

CONTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERANCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS

Elisaura de Fátima Martins Carrijo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225035>

### **CAPÍTULO 6..... 53**

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO

Sebastião de Assis Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225036>

### **CAPÍTULO 7..... 65**

HETEROGESTÃO E AUTOGESTÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROJETOS SOCIOEDUCACIONAIS DE ALIENAÇÃO *VERSUS* EMANCIPAÇÃO - UMA ÓTICA ANARQUISTA

Luana Aparecida Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225037>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
O MATRIMÔNIO NO <i>FUERO REAL</i> DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Eliezer dos Santos	
Jaime Estevão dos Reis	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
POR UMA VIDA DEVOTA: <i>FILOTEIA</i> (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA DE 1911	
Sofia Vicente Vagarinho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310">https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
A GUERRA FRIA E OS MOVIMENTOS CIVIS: O MACARTHISMO E O MEDO COMUNISTA	
Augusto Machado Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311">https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>121</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>122</b>

# CAPÍTULO 6

## O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO

*Data de aceite: 01/02/2022*

### **Sebastião de Assis Ribeiro**

Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana  
Especialista em tecnologias na educação

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal apresentar discussão em torno da importância da abordagem de referências positivas acerca da história e da cultura afro-brasileira e africana como estratégia de superação do racismo através da educação escolar. Pretende contribuir para a construção de um ensino escolar mais igualitário. Com esse intuito foi realizada uma pesquisa na Unidade Escolar José Ribeiro Américo, município de São Raimundo Nonato, Piauí, Território Serra da Capivara, escola, esta, que recebe alunos oriundos do Território quilombola Lagoas, durante o segundo semestre de 2018. Como procedimento metodológico, desenvolveu-se pesquisas bibliográficas, análise do conteúdo de história e cultura afro-brasileira e africana nos livros didáticos, no acervo da sala de leitura, nos planejamentos dos professores (as) e na Proposta Pedagógica da escola. Foram feitas observações diretas das relações interpessoais envolvendo profissionais e alunos e alunos com alunos dentro do ambiente escolar. O resultado de tal análise evidenciou a ausência de ações pedagógicas voltadas para a questão das relações interétnicas, falta de referências positivas acerca da história e da cultura afro-brasileira e africana e manifestações racistas nas

relações interpessoais no ambiente escolar. A linha de pesquisa é educação, história e cultura afro-brasileira e africana. Faz uso do método qualitativo através da análise de documentos, livro didático e da observação direta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Referências positivas, protagonismo, superação do racismo.

**ABSTRACT:** This article aims to present a discussion about the importance of addressing positive references about Afro-Brazilian and African history and culture as a strategy to overcome racism through school education. It aims to contribute to the construction of a more equal school education. The research was carried out at the José Ribeiro Américo School Unit during the second semester of 2018. For this purpose, as a methodological procedure, bibliographic research was carried out, analysis of the treatment given to the content of Afro-Brazilian and African history and culture in textbooks, in the collection of the reading room, in the teachers' planning (as) and in the pedagogical proposal of the school. Direct observations were made of personal relationships between professionals and students within the school environment. The result of such analysis showed the absence of pedagogical actions focused on the issue of interethnic relations; lack of positive references about Afro-Brazilian and African history and culture and racist manifestations in personal relationships in the school environment. The line of research is Education, history and Afro-Brazilian and African culture. It makes use of the qualitative method through document analysis, textbook and direct observation.

**KEYWORDS:** Positive references, protagonism, overcoming racism.

## INTRODUÇÃO

A exaltação da história e da cultura afro-brasileira e africana, nas atividades escolares, dando visibilidade ao protagonismo negro, através da apresentação de experiências positivas, é fator determinante para eliminação do complexo de inferioridade, superação do racismo, afloramento do sentimento de pertença e fortalecimento da identidade racial, possibilitando melhorar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem de estudantes afrodescendentes. Tal prática, favorece a interação social, eleva a autoestima e produz relações interétnicas baseadas no respeito e na valorização da diversidade cultural.

Ao falar em protagonismo e apresentações de experiências positivas temos em mente os bons exemplos de vida, as contribuições advindas de seus conhecimentos, valores, técnicas e inteligências demonstradas pelo povo negro na formação cultural brasileira de forma coletiva ou individual que, às vezes, são personificados em alguns líderes importantes como Zumbi dos Palmares, Dandara, Abdias do Nascimento, Francisca Trindade e muitos outros, conhecidos ou desconhecidos pela historiografia, mas que deram suas valiosas contribuições.

Dantas, Matos e Abreu (2012) afirma que as experiências de vida de homens e mulheres negros modificaram e romperam com os caminhos e destinos que lhes tentaram impor. Na perspectiva do processo de ensino e aprendizagem, o texto *Orientações e Ações Para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, do Ministério da Educação e Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, ao se referir ao trato pedagógico da questão racial no cotidiano escolar, no tocante à cultura afro-brasileira, de modo particular, “recomenda-se enfatizar suas contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas, intelectuais, experiências, estratégias e valores”. (BRASIL, 2006, p. 69).

Somos resultado das educações que recebemos. Isso mesmo! Educações no plural. Porque não existe só um tipo de educação. Existem vários. Nossos conhecimentos, valores, crenças, juízos, modos de pensar e agir são frutos das experiências educacionais que vivenciamos. O sentimento de pertencer a um determinado grupo étnico-racial, aceitando ou rejeitando nossa origem, por exemplo, depende dos estímulos e experiências que nos são oferecidos. No caso da educação escolar dos estudantes afrodescendentes, de modo específico, a exaltação das experiências positivas e do protagonismo negro, através da abordagem de conteúdos contendo exemplos de grandeza, virtudes e conquistas referentes à memória do povo negro, ou seja, da história e da cultura afro-brasileira e africana, promove a autoestima de crianças e adolescentes negras (os) produzindo uma educação baseada no respeito e na valorização à diversidade. Valorizar as representações positivas acerca do povo negro como forma de combater a discriminação racial constitui importante estratégia defendida pelos principais movimentos sociais que lutam pela superação do

racismo em nossa sociedade.

As discussões aqui apresentadas sobre a exaltação das referências positivas na abordagem da história e da cultura afro-brasileira e africana, no processo da educação escolar, foram organizadas em dois momentos: o primeiro momento apresenta uma discussão teórica e está dividido em quatro capítulos que, respectivamente, discute: as referências positivas na educação escolar; a imagem do povo negro presente ou ausente no livro didático; as relações interpessoais no ambiente escolar e, por último, discute a questão da preparação do profissional de educação para uma educação das relações interétnicas e superação do racismo. O segundo momento, deste trabalho, apresenta dados referentes às investigações realizadas numa Unidade Escolar de Ensino Fundamental da zona rural do município de São Raimundo Nonato, Território Serra da Capivara, Região Semiárida do Estado do Piauí. Tais investigações foram feitas através da análise documental, análise de material didático, entrevista e observação direta das atividades docentes e relações interpessoais ocorridas dentre os muros da escola.

## **AS REFERÊNCIAS POSITIVAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR**

A cultura afro-brasileira e africana no ambiente escolar costuma, na maioria das vezes, ser tratada de forma esporádica, abordando tão somente aspectos relacionados a seus hábitos alimentares, danças, vestimentas, músicas e rituais apenas na disciplina de história, em datas comemorativas ou culminância de algum projeto. É preciso ir além dessas apresentações limitadas e mostrar outras representações, focadas mais nas experiências de resistências, solidariedade, desenvolvimento tecnológicos, técnicas, planejamento, estratégias e conhecimentos diversos trazidos, em abundância, pelo povo negro para o Brasil. A escola, como instituição de formação cidadã, tem que assumir essa responsabilidade visando superar práticas que não valorizam a cultura afro-brasileira.

A implementação da Lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem se somar às demandas do Movimento Negro, de intelectuais e de outros movimentos que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico. Estes grupos partilham da ideia e da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsável pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. (FONSECA; SILVA; FERNANDES, 2011, p. 41)

Considerando essas afirmações, cabe ao sistema escolar disponibilizar material didático adequado, oferecer condições dignas de trabalho e preparar adequadamente os profissionais de educação para uma abordagem positiva da história e da cultura afro-brasileira e africana em todo processo educacional escolar. Quanto mais presentes e positivas forem essas referências em relação à descendência étnica, maiores são as possibilidades de sucesso dos estudantes negros.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (ANDRADE, 2005, p. 120).

No Brasil, foi o sistema escravista que desenvolveu e propagou o racismo, a discriminação e o preconceito racial contra os escravizados africanos e afrodescendentes. Mas a violência contra o negro não foi apenas física e psicológica, foi também historiográfica. Através da historiografia eurocêntrica, a cultura africana foi negada, inferiorizada, reprimida e tratada como coisa demoníaca. As manifestações culturais de matrizes africanas, como religiosidade, danças, culinária, estética, medicina natural e as tradições foram inferiorizadas pela imposição do modelo cultural dos colonizadores.

Sem ter a pretensão de mudar os rumos da história, podemos, entretanto, pensar em superar alguns de nossos problemas fundamentais, que ajudam a perpetuar as desigualdades entre nós, como o preconceito contra o negro e o mestiço. Como vimos, estes se ligam diretamente ao nosso passado, no qual os africanos eram considerados seres inferiores, incapazes de construir civilizações evoluídas como as europeias (SOUZA, 2014, p. 140).

Dessa forma, a ideologia escravocrata, construiu e fez prevalecer uma imagem inferiorizada e preconceituosa a respeito do negro e de sua cultura de modo que essa é a imagem do negro que, infelizmente, na maioria das vezes, ainda é propagada através do processo de educação escolar, fazendo o estudante afrodescendente desenvolver sentimento de rejeição pela história, memória e cultura do seu grupo étnico, internalizando a ideia de ser realmente inferior aos demais à sua volta, por causa de suas características físicas e/ou culturais, como cor da pele, tipo de cabelo, opções estéticas e religiosas e história dos antepassados, por exemplo.

Tamanha violência praticada contra o povo negro pelo sistema escravista maculou, mas não impediu o africano e seus descendentes de buscar, e conseguir, através de várias estratégias de resistência, manter viva sua cultura e sua história. Para Matos (2012) os africanos influenciaram profundamente a sociedade brasileira. Deixaram marcas positivas e exemplos de grandeza. São esses exemplos de luta, resistência, solidariedade, inteligência, festividade, diversidade e beleza negra que representam a verdadeira memória da cultura afro-brasileira e africana. Por isso, devem ser exaltados e tratados como prioritários em sala de aula nos momentos de ensino/aprendizagem de forma interdisciplinar.

O acesso a materiais didáticos contendo registros positivos acerca do negro no Brasil, hoje, já não é tão difícil como há pouco tempo atrás. Nesse sentido, a Internet tem representado um meio decisivo, quando possibilita a pesquisa, a produção e difusão desses conteúdos. A literatura negra, apesar das dificuldades encontradas, vem rompendo algumas barreiras, sendo mais facilmente encontrada. Há também por parte de investimento em políticas públicas, principalmente a partir de 2003, quando exemplares de materiais

foram disponibilizados pela SECAD para estudo nas escolas, discutindo a questão das relações étnico-raciais no sistema educacional do Brasil. O FNDE, através do PNBE Temático, também distribuiu para as escolas públicas vários livros sobre a história e cultura afro-brasileira e africana. Em um nível mais avançado e abrangente, temos um valioso trabalho de 08 volumes, com quase dez mil páginas, intitulado Coleção História Geral da África, elaborado pela UNESCO, contando a história da África a partir da perspectiva do próprio africano, disponível em PDF. Com isso, não cabe mais o argumento da falta de material, como justificativa para não apresentação de referências positivas relacionadas à história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. A exaltação dessas representações positivas é uma forma de desconstruir estereótipos negativos em busca de uma educação mais justa, mais igualitária e mais eficiente no combate ao racismo, à discriminação e o preconceito.

## **AS IMAGENS DA CULTURA E DA HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA PRESENTES OU AUSENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS.**

O livro didático é, disparado, o material de apoio mais utilizado pelos professores das escolas públicas de Ensino Fundamental. Não são poucos os casos em que ele é o único material utilizado durante todo o ano letivo, tanto pelos alunos, por não terem outras fontes de leitura, mas também pelos professores, que já naturalizaram esta situação. Dessa forma, dependendo de como o negro é representado, ou não representado, o livro didático pode ser um instrumento de propagação do racismo inferiorizando uns e exaltando outros. Ana Célia da Silva argumenta que,

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferências pela estética e valores dos grupos sociais valorizados nas representações. (SILVA, 2005, p. 22).

Assim, o livro didático se encontra numa posição decisiva na vida escolar de crianças e adolescentes afrodescendentes, na medida em que é considerado a principal fonte de informação dentro do ambiente escolar. Dependendo da imagem do negro que é mostrada, através dos textos, o discente pode se sentir valorizado ou discriminado, podendo influenciar diretamente na autoestima e na forma de ver o livro. No caso da invisibilidade, que é a negação, exclusão e não consideração, ou seja, o não aparecimento de textos positivos acerca da cultura afro-brasileira e africana levará conseqüentemente, à internalização da ideia de que somente a cultura europeia branca é importante. Principalmente por ser, para muitas crianças, o primeiro contato com o mundo dos livros, para outros continuará, por muito tempo, sendo um dos principais meios de acesso ao conhecimento histórico, cultural, literário e científico, o livro didático tem uma grande importância no processo educativo.

As normas, Leis, diretrizes e orientações pedagógicas que servem como referência curricular e subsidiam a elaboração do material didático nacional, baseiam-se, até esse momento, nos seguintes documentos: PCN, publicados em 1997, de 1ª a 4ª série e 1998, de 5ª a 8ª série; Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Nº 9.394/96; lei 10.639/03; Parecer CNE/CP nº 003/2004, de 10/3/2004, homologado em 19 de maio de 2004, e lei 11.645/08.

A produção da obra didática não é livre de intenções maliciosas por parte de quem as produz. No Brasil, ela é impregnada de ideologias que visam, antes de tudo, escamotear a existência das diferenças, evidenciando, muitas vezes, de forma sutil, um projeto ideológico de disseminação do mito da democracia racial. Segundo Carolina Viana Dantas, “essa concepção de cultura uniforme é uma construção fortemente enraizada na produção do material didático no Brasil” (DANTAS, 2012, p. 117). Os PCN que orientaram a produção dos livros didáticos adotado pelas Redes de Ensino de todo Brasil, pretendiam representar uma mudança no tratamento racial discriminatório presente na educação brasileira. Dantas (2012), ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais, complementa que o texto dos PCNs, “ênfatisa o papel homogeneizador desta formulação anterior que encobria com o silêncio, entre outras diferenças, uma realidade de discriminação racial produzida desde cedo no ambiente escolar” (DANTAS, MATTOS, ABREU, 2012, p. 118).

Nota-se que algo tem se mexido representando tímidos avanços no campo da legislação educacional acerca da história e da cultura afro-brasileira. No entanto, o reconhecimento e as mudanças necessárias em relação às referências positivas, objeto principal dessa discussão, ainda são mínimas, quando não ausentes.

O “reconhecimento” ainda exige o questionamento das visões sobre as relações raciais no Brasil, assim como a valorização e o respeito à história da resistência negra e da cultura dos africanos e seus descendentes. Recentes pesquisas sobre a organização e os significados das famílias escravas, sobre as lutas dos escravos e libertos pela realização de suas festas e crenças, sobre as fugas, quilombos e revoltas, ou sobre a luta dos próprios escravos e seus descendentes pela abolição já têm recebido espaço de divulgação, embora pequeno, nos livros didáticos, nos cursos de atualização de professores e em revistas de grande circulação. (DANTAS, MATOS, ABREU, 2012, p. 125).

## **SOCIALIZAÇÃO E VISIBILIDADE DA PESSOA E DAS CULTURAS NEGRA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA**

Ao jogar luz sobre as relações interpessoais dentro dos muros da escola, partimos, não da dúvida, mas da certeza de que essas relações são permeadas de sentimentos racistas onde, principalmente, os/as estudantes afrodescendentes são as maiores vítimas. Para Lopes (2005) os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados.

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluriétnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária (Lopes, 2005, p.186).

**Dentre as várias formas de manifestações preconceituosas presentes no espaço escolar, nas relações entre alunos, os apelidos são os mais frequentes e, muitas vezes, disfarçam intenções maliciosas de inferiorização.**

Diversos estudos comprovam que, no ambiente escolar, tanto em escolas públicas quanto em particulares, a temática racial tende a aparecer como um elemento para inferiorização daquele(a) aluno(a) identificado(a) como negro(a). Codinomes pejorativos, algumas vezes escamoteados de carinhosos ou jocosos, que identificam alunos(as) negros(as), sinalizam que, ainda na vida escolar, as crianças negras estão ainda sob o jugo de práticas racistas e discriminatórias. (BRASIL, 2006, p. 20 ).

O espaço escolar, como um todo, oferece, cotidianamente, inúmeras possibilidades de convivência, aprendizagem e troca de experiências entre todas as pessoas que atuam nesse espaço: porteiro, zeladoras, merendeiras, estudantes, professores, diretores, coordenadoras e secretário, etc. Ele exerce importante influência no processo de socialização de crianças e adolescentes bem como favorece a livre expressão de manifestações culturais dos grupos étnicos-raciais presentes na formação sociocultural de cada indivíduo. Dessa forma, as relações interétnicas que ocorrem nesse espaço devem servir como meio para realizar intervenções objetivando o combate ao racismo e a implementação de ações pedagógicas de respeito e valorização das diferenças. Considerando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) temos que a “educação escolar corresponde a um espaço sociocultural e instrucional responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura” (PCN, 1997).

O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações, valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe, de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais. O esforço a ser desenvolvido, a partir desta proposta que aqui fazemos, deve extrapolar as fronteiras da sala de aula, derramar-se por sobre a escola e atingir a comunidade em torno dela, permitindo a todos os envolvidos novos comportamentos compatíveis com a conquista da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática (LOPES, 2005, p.187).

Através da mobilização, pode-se construir, em todo espaço interno da escola e no seu entorno, uma ideia majoritária onde prevaleça o entendimento da necessidade de mudança de postura de maneira que todos possam contribuir no dia a dia com referências positivas. O bom exemplo, em todos s de relações interpessoais, e mais especificamente

na relação profissionais e alunos, e entre alunos é a melhor forma de produção do respeito no ambiente escolar. Quem respeita é respeitado e ensina valores importantes como tolerância e sentimento de igualdade.

A escola que deseja pautar sua prática escolar no reconhecimento, aceitação e respeito à diversidade racial articula estratégias para o fortalecimento da auto-estima e do orgulho ao pertencimento racial de seus alunos e alunas. É imprescindível banir de seu ambiente qualquer texto, referência, descrição, decoração, desenho, qualificativo ou visão que construir ou fortalecer imagens estereotipadas de negros e negras ou de qualquer outro segmento étnico-racial diferenciado. (BRASIL, 2006, p.71).

Portanto, é imprescindível, pensar o espaço escolar na sua totalidade como um lugar de construção coletiva de aprendizagens, mas que há relações inter-raciais marcadas pelo sentimento de superioridade da cultura branca. É necessário não silenciar-se diante desse problema, visando construir convivências sociais sem divisão e/ou hierarquização racial.

## **FORMAÇÃO DOCENTE E AS DIFICULDADES NO ENSINO ESCOLAR BRASILEIRO**

Diante de qualquer dificuldade no ensino escolar brasileiro, a culpa recai imediatamente sobre o aspecto da qualidade do trabalho docente. É fato que muitos professores têm dificuldades para abordar, de forma positiva, questões relacionadas à história e à cultura afrodescendente nas escolas. No entanto, não é correto nem justo propor que os problemas na qualidade do ensino/aprendizagem sejam reflexos, apenas, de deficiências no processo de formação docente, sem antes levar em consideração a precarização do trabalho docente em todos os sentidos. Nesse sentido, Vera Neusa Lopes escreve:

Forçoso é reconhecer, porém, que muitos professores não sabem como proceder. É preciso ajudá-los, pondo ao seu alcance pistas pedagógicas que coloquem professor e alunos frente a frente com novos desafios de aprendizagem. (LOPES, 2005, p. 187).

Profissionalmente, espera-se que todo professor saiba como proceder. Acontece que a precariedade das condições de trabalho não favorece a inovação da prática docente. O excesso de exigências burocráticas, a quantidade de alunos por turma, a carga horária em sala de aula, a prioridade a outras temáticas, pressão por melhores resultados nas avaliações externas, pouco tempo para planejamento e organização de material são problemas que dificultam o desenvolvimento de melhorias na prática pedagógica. É certo que para surtir os resultados esperados a formação precisa estar acompanhada de melhorias nas condições de trabalho.

As demandas dos movimentos negros por uma educação das relações ético-raciais

com foco na história e cultura afro-brasileira e africana resultaram em uma legislação que é, por muitos, considerada a maior conquista do povo negro em termos de educação no Brasil. Consequentemente surgiu a necessidade de uma adequação na formação profissional para atender as exigências legais da nova realidade. Trata-se da Lei 10.639/03 que instituiu a obrigatoriedade da inclusão curricular da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes oficiais de ensino. A partir de então, ainda longe do mínimo necessário, nota-se a existência de iniciativas no sentido da formação como forma de atingir os objetivos desejados. Nesse contexto:

Algumas iniciativas de formação de professores (as) voltadas para a diversidade étnica-racial vêm se configurando. Em vários estados e municípios brasileiros têm sido organizados e ministrados cursos de extensão, de aperfeiçoamento e de especialização sobre a questão racial por meio da articulação entre as universidades, as secretarias de educação e os movimentos sociais (FONSECA, SILVA, FERNANDES, 2011, p. 41).

Como a precariedade do trabalho docente parece não querer se encaixar nessa discussão cede-se, um pouco, para melhor dialogar com as bibliografias que apontam a formação docente como meio para que se alcancem os objetivos educacionais visados pela Lei 10.639/03. Considerando que esse seja o caminho, é preciso que haja mudanças curriculares, metodológicas, humanas e pedagógicas, bem como no foco das discussões sobre educação étnico-racial nas formações iniciais e continuadas. A formação docente não deve visar tão somente o conhecimento da história e da cultura afro-brasileira e africana, mas direcionar o foco para o campo das representações positivas e da busca de uma metodologia adequada, que no espaço escolar seja realmente capaz de aflorar o sentimento de pertença e o fortalecimento da identidade racial e que seja capaz de desnudar os profissionais de convicções negativas.

Lamentavelmente, os cursos de formação docente ainda mantêm uma estrutura curricular disciplinar, gradeada e fechada à introdução dessas e de outras questões tão caras aos movimentos sociais e tão presente em nossa vida cotidiana (FONSECA, SILVA E FERNANDES, 2011, p.42).

Ao tratar da questão da formação docente, toca-se num ponto que é crucial quando se pretende combater o racismo através da educação escolar, pois o professor tem papel decisivo na formação dos alunos e alunas. Uma formação profissional inadequada não prepara o professor para lidar corretamente com as situações de racismo presentes no ambiente escolar. Munanga (2005) ao referir-se a essa questão, assevera que:

Alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 15).

Também é importante ressaltar que a formação docente não deve limitar apenas

a preparar o professor para atuar democraticamente no seu ambiente de trabalho, mas incentivar a pesquisa como forma de produção de conteúdos na área da educação de afrodescendentes visando ampliar o conhecimento a cerca da trajetória escolar do povo negro mantendo o professor em constante mobilização em prol de uma educação sem discriminação racial.

A produção de conhecimentos e a introdução de temas e conteúdos sobre as trajetórias educacionais dos afro-brasileiros nos cursos de formação de professores podem contribuir com a formação de professores em condições de lidar solidariamente com a diversidade cultural do Brasil. (CRUZ, 2002, p. 30).

## ALGUNS DADOS SOBRE A PESQUISA

De todos os alunos matriculados, em 2018, na escola pesquisada, 82% são auto identificados como negros (pretos e pardos). Apesar da grande maioria dos estudantes ser formada por negros e negras, a análise documental demonstrou pouca ou, praticamente, nenhuma preocupação com a questão do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana. Fato que evidencia uma invisibilidade de crianças e adolescentes negros na escola. Das 14 metas a serem alcançadas, no Projeto Político da Escola (PPP), apenas a décima terceira faz uma pequena referência à questão da cultura afro-brasileira, sendo assim descrita: Meta 13 - Trabalhar as temáticas (família, ética, respeito, solidariedade, justiça, diversidade cultural, meio ambiente e saúde).

No que se refere aos planejamentos mensais dos professores, a maior visibilidade sobre a questão étnico-racial foi encontrada nos planejamentos mensais da disciplina de ensino religioso do 5º ano. Onde, nos campos referentes aos objetivos e conteúdos, mencionam a importância da diversidade cultural e da convivência com o outro. No entanto não há, nos planejamentos mensais, previsões de ações que visem, de maneira clara e direta, o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, evidenciando uma negação da cultura afro-brasileira na educação escolar.

Observando diretamente as relações pessoais e diálogos no ambiente escolar, foram identificadas as seguintes manifestações racistas: apelidos de inferiorização como Neguinho (a), Pretinho (a), Corró e Bulu; xingamentos entre alunos usando como referência características físicas como cabelo e cor da pele; exclusão na hora de selecionar alunos para algumas atividades e na escolha de times de futebol; punições mais rigorosas para alunos (as) negros; cantigas infantis que tratam como características negativas a cor preta e cabelo enrolado; desconsideração das manifestações religiosas de matrizes africanas; argumentos afirmando que na localidade quilombola os negros não se misturam com as outras pessoas e que homem negro famoso só procura mulher branca para casar; silenciamento diante de flagrantes de discriminação racial. Entre os alunos observa-se que a discriminação acontece mais por localidade e famílias, ou seja, dependendo da localidade

em que mora ou da família a que pertence, um aluno ou aluna negra será mais ou menos discriminado entre os colegas.

## CONCLUSÃO

Considerando o que foi proposto para esse trabalho e as reflexões desenvolvidas até aqui acerca da temática em questão, pode-se afirmar que o objetivo foi alcançado. No entanto, sabe-se que esse assunto, devido à sua importância, deve ser aprofundado.

A bibliografia consultada, os documentos analisados e as observações feitas, nos levam a constatar que, mesmo havendo algumas iniciativas, ainda que tímidas, no sentido de mudar a visão a respeito dos povos negros, as referências positivas acerca da história e da cultura afro-brasileira e africana ainda não fazem parte das abordagens dessa temática no processo de ensino aprendizagem dos estudantes. Nos livros didáticos, na prática docente e no ambiente escolar ainda predomina a imagem do negro visto como inferior. Dessa forma, diante de tal constatação, faz-se necessário realizar ações pedagógicas de combate ao racismo e desenvolvimento de uma educação das relações interétnicas através da valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana. Nessa perspectiva, trabalhar a questão racial de modo interdisciplinar, priorizar o protagonismo negro nas abordagens sobre essa temática, trabalhar a desconstrução de estereótipos e preconceitos acerca do povo negro, incorporar no currículo e na Proposta Pedagógica da escola a história e a cultura afro-brasileira e africana, recusar o uso de material pedagógico contendo imagens negativas do povo negro, qualificar o corpo docente e melhorar as condições para trabalhar com as referências positivas sobre o negro, identificar problemas de cunho racial no ambiente escolar e agir pedagogicamente são intervenções que devem ser realizadas no intuito de combater o racismo e construir uma educação das relações interétnicas com base nos princípios de igualdade.

## REFERÊNCIAS

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a escolarização dos negros. In: Romão Jeruse (org). **História da Educação dos negros e outras Histórias**. Brasília, MEC/SECAD, 2005, 21-33.

DANTAS, Carolina Viana; MATTOS, Hebe; ABREU, Marta (Org.). **O Negro no Brasil**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges (Org.). **Relações Étnico-Racial e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construído a auto-estima da criança. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na Escola**. 2ª. ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: [s.n.], 2005.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (Org).

**Superando o Racismo na Escola.** 2ª. ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: [s.n.], 2005.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira.** 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.  
**Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola.** 2ª. ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: [s.n.], 2005.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na Escola.** 2ª. ed. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: [s.n.], 2005.s

SOUZA, Mariana de Mello e. **África e Brasil Africano.** 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afro-brasileiro 12

Anarquismo 65, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 77

Arte 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 75

Autogestão 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

### C

Casamento 5, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Colonização 43, 49, 50, 84

Comunismo 111, 114, 116, 117, 118

Constituição 14, 17, 49, 50, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

Cultura 1, 10, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 105

### D

Direitos civis 110, 111, 113, 116, 117, 119

Ditadura militar 1, 104

Diversidade cultural 29, 30, 31, 34, 37, 39, 40, 41, 54, 62

### E

Educação 21, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 104, 105, 112, 117, 118, 121

Ensino 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 89, 101, 104, 105, 116, 117, 121

Escravidão 11, 43

Espaços 1, 13, 14, 17, 41, 56, 104, 112, 113, 117, 118

Expressão de gênero 2

### F

Família 7, 8, 13, 23, 56, 62, 63, 67, 78, 79, 83, 100, 104, 105

### G

Gênero 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 41, 121

Governo 13, 21, 49, 70, 74, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 117

Governo provisório 100, 102, 103

## H

Heterogestão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75

História 1, 1, 7, 9, 10, 12, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 106, 107, 108, 110, 111, 119, 120

Humanidade 8, 35, 43

## I

Idade média 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89

Igreja 26, 45, 49, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 94, 97, 101, 104, 105

Imprensa 1, 2, 14, 108

Integração 21, 110, 111

Intolerância 49, 93, 99

## L

Lugar 11, 12, 17, 26, 28, 33, 37, 44, 60, 70, 80, 83, 94, 105

## M

Macarthismo 110, 111, 113, 114, 115, 118, 119

Micro história 1

Movimentos civis 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Mulher 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 62, 79, 83, 85, 86, 87

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 50, 54, 70, 81, 85

## N

Normatização 78, 85, 89

## P

Poder 1, 3, 13, 33, 45, 51, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 84, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 114, 121

Política 1, 2, 5, 19, 20, 21, 22, 28, 48, 51, 66, 68, 74, 76, 80, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 117

Protagonismo 26, 53, 54, 63

## R

Racismo 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 99

Relações étnico-raciais 53, 54, 57

Religiões 13, 39, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Religiões afro-brasileiras 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52

Representações sociais 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42

República 21, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

## **S**

Samba 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 25

Sociedade 1, 14, 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 56, 59, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113, 116, 117, 118

Supremacia branca 110

## **T**

Teoria queer 1, 8

Territórios 20, 83, 101, 116

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)  
 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# Historia:

Espaços,  
poder,  
cultura e  
sociedade

3



 [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)  
 [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)  
 @arenaeditora  
 [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

  
Ano 2022